

A ECONOMIA MISTA NICARAGÜENSE *



Alexandre Rands Barros
Estudante de doutorado
Universidade de Illinois
Urbana-Champaign - EUA

1. INTRODUÇÃO

A Nicarágua tem uma economia mista desde a Revolução popular de 1979. Esta economia mista subsistiu até hoje e já se solidificou através de sua institucionalização na recém-aprovada constituição nicaragüense. Isto tem causado indignação a muitos que sonhavam em ver na Nicarágua uma nova Cuba, com o completo controle estatal dos meios de produção ou com propriedades camponesas como a única possível exceção. Ao mesmo tempo reconhece-se a hegemonia popular no governo nicaragüense, raiz de uma das mais atrozes agressões dos Estados Unidos da América a um país latino-americano. Muitas vezes é difícil de se compreender como uma Revolução feita com a hegemonia dos trabalhadores e camponeses e com uma vanguarda dirigente que advoga abertamente a superioridade do marxismo-leninismo como filosofia política e ideológica pode resultar numa economia mista, capaz de promulgar uma lei de inversões estrangeiras tão entreguista, como o fez recentemente.

Neste artigo procuraremos explicar a manutenção de uma economia mista na Nicarágua com base nas especificidades das contingências revolucionárias do país (parte 2). Mostraremos também que os principais problemas sofridos num processo de transição para o socialismo numa pequena economia periférica tem se verificado na Nicarágua. Alguns deles, porém, afetaram este país em menor escala do que teriam feito caso houvesse a socialização dos meios de produção, após a Revolução (parte 3). Faremos também uma avaliação da economia mista nicaragüense, analisando os seus efeitos no cumprimento dos objetivos centrais das Revoluções populares no terceiro mundo (parte 4). Para concluir, mostraremos algumas contradições, atualmente presentes no "socialismo nicaragüense".

Antes de prosseguir, gostaríamos de fazer explícito o que tem sido aceito como objetivos básicos da Revolução nicaragüense, e também da maioria das revoluções de cunho socialista que tem havido nos países periféricos. Estes objetivos são: 1) aumentar o nível de vida das massas sem sacrificar o crescimento econômico do

* Esta pesquisa contou com o suporte financeiro do CNPq e da Tinker Foundation, porém, as idéias aqui expressas não necessariamente refletem posições destas instituições. Gostaria de agradecer os comentários a uma versão anterior deste trabalho feitos por Analice Amazonas e Fernanda Amazonas. Obviamente, os erros que persistem são da inteira responsabilidade do autor.

país, ao contrário, ajustando-o a um padrão de consumo mais democrático. 2) Reduzir a dependência externa, centrando a dinâmica do crescimento doméstico nas prioridades estabelecidas dentro do próprio país.

2. CAUSAS DO MODELO DE ECONOMIA MISTA

As causas da adoção do modelo de economia mista são bastante discutidas na Nicarágua. As principais justificativas encontradas na bibliografia disponível são:

1) A Revolução não foi feita somente pelos setores populares. Contou com a participação de setores da burguesia, que integraram a luta revolucionária na condição de que a propriedade privada fosse respeitada. Como o governo, após a expulsão do ditador, é um governo de coalisão de classes, não se justifica a socialização dos meios de produção (Vilas, 1986, Medal, 1986, e Weeks, 1987). Este argumento não é muito pertinente uma vez que a hegemonia política no governo é claramente da FSLN, que representa os interesses dos trabalhadores e camponeses e tem um viés explícito para a filosofia marxista (ver Torres e Coraggio, 1987, cap. 2 e Tirado, 1986a e 1986b, parte 8). Nas eleições de 1984 a FSLN obteve maioria absoluta no legislativo e ganhou o executivo sozinho, mostrando que sua hegemonia política está bem solidificada na sociedade. Isto poderia ter levado a uma socialização dos meios de produção a partir desta prova de forças, porém isto não aconteceu.¹

2) As contradições da visão acima levaram a outra justificativa para a manutenção de uma economia mista. A FSLN não tem como objetivo a formação de uma economia socialista na Nicarágua, mas apenas a formação de uma economia mista com um Estado que garanta que a produção social vai se voltar para as necessidades da maioria da população. Esta visão tenta usar as idéias de Sandino e Carlos Fonseca² para justificar a economia mista (Fitzgerald, 1987) e defende que a situação atual não é uma posição tática, mas sim o resultado de uma visão estratégica (Gorostiaga, 1986). Diante desta justificativa, cabe analisar se o suposto intuito da FSLN é compatível com as condições concretas da realidade. O modelo econômico desenvolvido por Fitzgerald (1985 e 1986) mostra que a economia mista é economicamente compatível com os objetivos da Revolução, porém, resta provar que o modelo é politicamente viável. Muitos acreditam que ele traz contradições irremediáveis (Meeks, 1985 e Vilas, 1986). Outros já acreditam que com a paz e o crescimento econômico a economia mista é politicamente viável (Medal, 1986) ou mesmo necessária para a manutenção da democracia no país (Gorostiaga, 1986).

3) Uma outra visão acredita que a adoção do modelo de economia mista é uma conseqüência das condições históricas da Revolução. Esta visão enfatiza o atraso no desenvolvimento das forças produtivas, com forte predominância de pequenas e medianas propriedades e o baixo nível de desenvolvimento das relações capitalistas de produção. Esta situação tornaria impraticável a centralização e admi-

1 A opinião de que a FSLN teve condições de socializar todos os meios de produção também é partilhada por Vanderlaan (1986, p. 51).

2 Carlos Fonseca foi um dos fundadores, ideólogos e grande líder da FSLN nos anos 60 e 70. Foi morto em 1976 pelas tropas somozistas e transformado em um grande mártir da Revolução Sandinista.

nistração de toda a economia, por isso a economia mista era o modelo mais adequado (Baumeister e Cuadra, 1986, Vilas, 1986 e Lopez, 1986).

4) A socialização dos meios de produção desencadearia uma reação agressiva de oposição imediata dos Estados Unidos, com amplo apoio de toda a burguesia local. A Revolução não resistiria a tal agressão e todos os ideais de transformação se veriam frustrados.

5) O estabelecimento de uma economia mista abriria mais opções de relações internacionais, incluindo-se aí países europeus ocidentais, Japão e países latino-americanos, além, é claro, dos países socialistas. Esta maior abertura seria útil na recuperação da economia e modificação das relações de dependência (Vilas, 1986).

6) A FSLN achava útil a permanência da burguesia para a recuperação da economia e, para mantê-la no país, o governo teria que admitir sua reprodução como classe (Vilas, 1986 e Vanderlaan, 1986, p. 67).

Na realidade as quatro últimas causas não são contraditórias entre si, podendo todas ter alguma influência na conformação dos fatos. A primeira causa é bastante frágil e parece ser contraditória com o desenrolar dos fatos, como já demonstrado acima. A segunda justificativa pode estar correta ou incorreta, dependendo do que se chame de FSLN. Se se considera como FSLN o corpo partidário que constitui a vanguarda da Revolução, como vulgarmente se faz, a justificativa parece inapropriada já que os Comandantes da Revolução e a postura de vanguarda política que eles representam são conscientes das contradições contidas nas relações capitalistas de produção e têm como objetivo acabar com a exploração do homem pelo homem na Nicarágua (Lopez, 1986, pp. 17 e 18)³.

Além de um partido de vanguarda que tenta dirigir o movimento político do país para fins específicos, a FSLN é também o produto de uma posição política da sociedade nicaraguense que se enrustou no poder como reflexo da ideologia política hegemônica na sociedade. Esta posição hegemônica não é resultado dos ideais puros de uma só classe, nem sequer está livre de contradições internas. Ela é o resultado de conflitos ideológicos e só adquire forma na luta constante no seio da sociedade.

Numa sociedade, as diversas classes sociais têm interesses e condições de vida que se racionalizados, de tal modo que formem uma concepção coerente do mundo, elas levarão a filosofias distintas. Estas filosofias são difundidas no seio da sociedade sem vinculações diretas com as condições concretas que as fomentaram. Sua aceitação por um indivíduo depende não só da condição de classe dele mas tam-

3 A FSLN, como vanguarda revolucionária, não é um monolítico de forças, mas ao contrário, um agregado de pelo menos três grandes forças guerrilheiras que participavam do movimento contra a ditadura de Somoza (ver Christian, 1986, cap. 2). Isto implica que pode não haver uma única posição como ideal da FSLN. Contudo, alguns dos comandantes da Revolução, pelo menos, têm ideologia claramente comunista. Talvez a existência de circunstâncias que impeliram à formação de uma economia mista não tenham trazido à tona possíveis divergências dentro da FSLN. Porém, se havia uma só posição dentro da FSLN, que deveria se revelar dentro de uma situação sem restrições impostas pelas contingências do momento, esta seria, com certeza, pela adoção de uma economia socialista. Isto pode ser visto nas seguintes palavras do Comandante de la Revolucion Victor Tirado Lopes na sua intervenção ante aos trabalhadores de vanguarda do café da IV região em 26/08/1986, falando em nome da FSLN: "El socialismo es nuestra meta para lograr una mejor distribución de nuestra producción y de nuestras riquezas" (extraído de Tirado, 1986, p. 27).

bém, e principalmente, de sua relação com outros membros da sociedade (ver Gramsci, 1981, p. 12). Isto ocorre porque para ele os diversos aspectos de cada filosofia se põem como argumentos separados. Como resultado, as concepções individuais de mundo se formam de aspectos de diversas filosofias, contendo até idéias contraditórias entre si. Por causa disso podem existir circunstâncias em que as idéias aceitas pela maioria politicamente organizada de uma sociedade não sejam coerentemente formadas com base em interesses específicos de uma só classe. Este é o caso na Nicarágua: Aceita-se a propriedade privada, ao mesmo tempo que se acha que o governo deve defender os trabalhadores e camponeses e acabar a exploração do homem pelo homem.

Dentro desta concepção, assume relevância o atraso no desenvolvimento das relações capitalistas de produção, como enfatizado na terceira justificativa. Ele levou a uma fraca organização da classe operária e a sua pequena importância dentro da disseminação de ideologias na sociedade.⁴ A pouca importância da contradição fundamental das sociedades capitalistas - entre trabalho e capital - fez com que o combate à propriedade privada não fosse uma bandeira dominante na ideologia hegemônica. Assim, a posição da Frente Sandinista nada mais é do que uma conformação às aspirações hegemônicas da sociedade, resultado do espírito democrático dominante nesta vanguarda revolucionária.

Uma vanguarda revolucionária geralmente tem uma filosofia política mais sistematizada do que a da maioria dos indivíduos que a apoiam. Após uma tomada de poder, quando se parte para a tomada de decisões mais amplas e com um universo mais largo de objetivos, geralmente, parte dos indivíduos que a suportavam politicamente começam a ter discórdias por causa das diferenças entre as suas idéias e as da vanguarda. Quanto mais forte for a ruptura, maior será a possibilidade de oposição à vanguarda por antigos suportadores.

Em algumas circunstâncias, se a vanguarda insistir nas mudanças, ela terá que fechar os canais de participação dos grupos de apoio nas decisões, impondo decisões em um Estado de feito autoritário, dado o seu pouco espaço para oposição. Em outras circunstâncias a vanguarda pode ceder e subjugar-se à ideologia dominante nas massas. Este segundo tipo de postura caracteriza uma vanguarda democrática. A FSLN se enquadra nele.

Esta subjugação, contudo, não é passiva. A FSLN como partido tenta disseminar os seus ideais revolucionários, mas como poder político na sociedade adequa-se à ideologia hegemônica. Isto explica o surgimento de certas contradições entre governo e sociedade civil, dos quais a condução da reforma agrária é o mais importante. O espírito democrático da FSLN, como partido, faz com que o governo se ajuste às demandas sociais, como o fez na reforma agrária, na política de massas, e na questão miskita (ver Torres e Coraggio, 1986, cap. 5). Isto também explica a diferença entre os discursos dos comandantes (Victor Tirado, Daniel Ortega, Jaime Wheelock, etc.) e a realidade política da Nicarágua. Em discurso eles falam como ideólogos que querem disseminar idéias. Como dirigentes do Estado, eles se conformam à ideologia dominante na sociedade.

4 A aceitação de idéias dentro de uma sociedade também depende de sua adequação às condições materiais da população. Quanto maior a parte da população que vive nas condições concretas que servem de substrato empírico para a formação de uma idéia, mais difícil será a aceitabilidade desta.

3. PROBLEMAS CLÁSSICOS DA TRANSIÇÃO EM PEQUENOS PAÍSES PERIFÉRICOS

A experiência de várias revoluções tem mostrado que há problemas que são comuns a quase todos os países que optaram por modelos mais igualitários de desenvolvimento econômico. Estes problemas são:

1) **Queda na produtividade do trabalho.** Apesar da teoria neoclássica advogar que a quantidade de horas e a intensidade do trabalho são determinadas pelo trabalhador para maximizar o seu bem estar, as revoluções socialistas têm mostrado que não é bem assim. Quando se quebra a estrutura do poder e a legislação social de caráter coercitivo que dá ampla autoridade aos patrões e subordina os trabalhadores através da ameaça de desemprego e completo desamparo social, há uma diminuição na intensidade do trabalho e na quantidade de horas trabalhadas. Esta ruptura não responde apenas a uma pressão reprimida, ela mesma cria novas necessidades pela ruptura ideológica e de poder que ela traz. A experiência da Nicarágua, por exemplo, tem mostrado que a produtividade do trabalho tem caído mesmo nas empresas que permanecem nas mãos do setor privado.⁵

Outros fatores que levam à queda na produtividade do trabalho são a desorganização da economia devido à queda de antigas estruturas de dominação e a destruição de capital por consequência das guerras de agressão imperialista que normalmente se fazem presente em todas as revoluções socialistas. Casos clássicos são os do Vietnã, da Nicarágua, de Angola e de Moçambique.

2) **Deserção da mão de obra especializada.** O risco de sofrer perdas materiais faz com que as elites intelectuais migrem. É particularmente importante neste caso a migração de mão obra com habilidade de desenvolver trabalhos gerenciais, porque geralmente ela está mais fortemente ligada aos capitalistas. Apesar disso, há migração de outras categorias de trabalhadores especializados, tais como médicos, dentistas, engenheiros, etc. Este problema também verificou-se na Nicarágua. Pela liberdade de migração que se estabeleceu naquele país, ainda hoje, há perda de capital humano, que abandona o país para buscar melhores oportunidades nos EUA ou nos países vizinhos.

3) **Desbalances externos.** Estes são consequência da necessidade de se aumentar o consumo, devido às novas demandas surgidas com o processo revolucionário em um período em que a economia está destruída ou mesmo sofrendo quedas na produção, e da necessidade de se reerguer a produção numa situação de grande desarticulação da economia. Para se superar estes obstáculos, é necessário que se obtenha muitos recursos externos. No caso da Nicarágua, a partir de 1983, somou-se às razões clássicas acima mencionadas a política de inversões, iniciada numa fase de euforia, com grandes projetos que empregavam tecnologia sofisticada e por isso requeriam muita importação de capital (ver Barros, 1987 e Arguello et al., 1987).

4) **Agressão Imperialista.** Esta agressão intensifica-se quando a posição geopolítica do país vincula-se à dominação direta de um governo imperialista muito

5 Morametz (1980, p. 352) traz exemplos desse fenômeno em Cuba; Wield (1983) mostra que também houve este problema em Moçambique; Colburn (1986), Gallardo (1987) mostram a existência desse fenômeno na Nicarágua. Bujarin (1979), já havia percebido este problema em 1919 (data original de publicação do seu livro em russo), com base na experiência soviética.

conservador, como é o caso dos Estados Unidos. A Nicarágua está sofrendo arduamente as amarguras de sua posição geopolítica. Até o fim de 1987, calcula-se que as perdas devido à agressão norte americana já representaram mais de uma vez e meia o PIB de 1986. Em 1985 e 1986 as perdas representaram 29,3% e 33,8% do PIB respectivamente.⁶

Todos esses problemas levam à queda na produção total do País em uma situação de demandas crescentes. A razão que liga os problemas 1 e 2 a quedas na produção são óbvias. Os desbalances externos também induzem a uma diminuição do PIB por causa da dependência da produção doméstica de insumos importados e das dificuldades de repor o capital depreciado. Mesmo que o bloco socialista venha em socorro do País, ele tem limites para fornecer divisas de países capitalistas, que são necessárias por causa da dependência do padrão tecnológico ocidental. No caso da Nicarágua este problema é particularmente crítico por causa da forte dependência tecnológica dos Estados Unidos. A agressão imperialista não só destrói estoques de capital e produtos como também canaliza grande parte do excedente social para atividades não produtivas, diminuindo desta forma a acumulação (Fitzgerald, 1986, p. 186-188).

Como visto acima, todos esses problemas clássicos de revoluções periféricas se verificam na Nicarágua. Apesar disso o PIB só começou a cair a partir de 1984 (ver tabela 1). Até então logrou-se obter crescimento, com base no uso de capacidade instalada, que se encontrava ociosa por consequência dos desajustes causados pela guerra de libertação. Vale salientar que o PIB só começou a decrescer quando se iniciaram mudanças estruturais mais radicais. A política de inversões abandonou a reconstrução do que havia sido destruído e iniciou grandes projetos com uso de tecnologia sofisticada, que eram fortemente dependentes da importação de bens de capital do exterior. Buscava-se transformar a economia rapidamente para satisfazer as necessidades básicas da população. Como neste período a reforma agrária passou a confiscar mais propriedades e enfatizar as cooperativas agrícolas, as incertezas do setor privado quanto ao seu futuro levaram à diminuição na produção agrícola depois de 1984.

Todos esses problemas comuns à economia subdesenvolvida pós-revolucionárias verificaram-se na Nicarágua em menor escala do que teriam ocorrido caso houvesse a socialização completa dos meios de produção. Apesar desta afirmação não poder ser comprovada empiricamente, alguns resultados obtidos até então e características da economia nicaragüense nos levam a aceitá-la como verdadeira. A menor queda da produtividade da mão de obra no setor privado, ocorrida depois da Revolução, e a forte presença da pequena e média empresa na produção total (ver tabela 2) nos induzem a crer que a queda da produtividade foi menor com a manutenção da economia mista do que ela seria caso tivesse havido socialização dos meios de produção. Se a iniciativa privada fosse reprimida, grande parte da produção realizada em pequenas unidades de produção não mais existiria ou apresentaria maiores custos.⁷

Muitos membros da burguesia nicaragüense ficam no País depois da Revolução por causa da possibilidade de manter os seus negócios. Entre estes se incluem

6 Calculado com base em dados não publicados do INEC e em dados de IHCA (1987 b).

7 Barros (1986) provou que a pequena produção em algumas condições de produtividade e preço da força de trabalho, bastante comuns nos países subdesenvolvidos, é mais eficiente do que grandes unidades.

vários profissionais liberais, que puderam manter um padrão de vida mais próximo daquele que gozavam anteriormente à Revolução por causa da possibilidade de manter escritórios particulares. É razoável se acreditar que a migração destes profissionais seria maior caso não houvesse essas opções de ganhos via prestação de serviços privados.

A maior queda na produção por causa da socialização dos meios de produção levaria a um crescimento das importações e diminuição das exportações, aumentando os desbalances na balança de pagamento. Além disso tem-se que grande parte das doações e empréstimos em condições brandas feitos à Nicarágua vieram e vêm de países europeus e latino americanos e têm se dirigido a este país por causa do seu alinhamento com os países socialistas e a imagem democrática que a liberdade de empresa garante em meios dominados pela ideologia burguesa. As sociais-democracias européias ajudam a Nicarágua por causa da semelhança da política daquele país com os ideais sociais-democratas.

A resistência interna que o governo americano tem recebido contra a agressão à Nicarágua tem como fortes argumentos a não "comunização" e o não alinhamento da Nicarágua. Os democratas concordam com os republicanos que os EUA devem pressionar a Nicarágua para que ela não se torne comunista. Assim, uma radicalização política da Nicarágua levaria a ações mais enérgicas dos EUA, com uma provável invasão direta. A maior radicalização do processo também levaria à mudança de alguns setores burgueses, atualmente aliados aos Sandinistas, que se colocariam na oposição, atuando como contra-revolucionários.

4. AVALIAÇÃO DO MODELO DE ECONOMIA MISTA

A metodologia de avaliação do modelo de economia mista constará de duas análises. A primeira verificará se o modelo tem favorecido o cumprimento dos objetivos básicos da Revolução do ponto de vista econômico. A segunda verificará quais os efeitos do modelo de economia mista utilizado para superar os problemas comuns a revoluções populares no terceiro mundo. Os limites dessa avaliação serão grandes por causa da dificuldade de elementos de comparação e da falta de dados apropriados⁸. Por causa disso, muito da análise se restringirá a conjecturas teóricas.

Como dito acima, os objetivos básicos da Revolução são dois: Melhoria do nível de consumo dos setores populares e maior independência externa. O segundo objetivo vem sendo realizado aos poucos, dentro dos limites que a condição de economia periférica subdesenvolvida impõe. As realizações até então são:

1) Menor dependência do setor externo como fonte de demanda efetiva para estimular a economia. O peso do Estado na produção e investimento e a estatização de todo o sistema financeiro e do comércio exterior fizeram com que o governo trouxesse o centro dinâmico da economia para dentro do País. Após a Revolução, o nível de emprego tem subido, alcançando-se pleno emprego do trabalho nos últimos anos.⁹

8 Talvez essas sejam as razões da escassez de trabalhos que façam uma avaliação com maior análise de dados estatísticos.

9 Apesar de a economia estar em pleno emprego, as estatísticas oficiais têm mostrado que o desemprego tem se mantido em torno de 20%. Isto acontece porque particularidades da economia da Nicarágua fizeram com que o setor informal ocupasse um grande percentual da população e parte da população empregada neste setor aparece nas estatísticas oficiais como desempregada.

2) Redução da participação das importações de bens de consumo no consumo total. Para que o consumo das massas aumentasse e não estivesse sujeito às vicissitudes do setor externo, estabeleceu-se como uma das prioridades da Revolução a auto-suficiência alimentar. Apesar deste objetivo não ter sido cumprido ainda, já há resultados perceptíveis (ver tabela 3).

3) Diversificação dos mercados de compra e de venda de produtos nicaragüenses. Isto reduziu os riscos de oscilações na oferta e demanda internas como consequência de flutuações nos países com os quais a Nicarágua tinha maior ligação anteriormente, que era principalmente os EUA.¹⁰

Três importantes tarefas para se reduzir a dependência externa não têm mostrado muito progresso, todavia. Elas são: redução da importação de insumos e bens de capital para a produção doméstica, redução dos déficits na balança comercial e da dívida externa e diversificação das exportações, com inclusão de um maior número de mercadorias com um nível de processamento mais elevado. A dependência de insumos importados para a produção doméstica reduziu-se na indústria (tabela 3), porém na agricultura ela teve uma redução até 1982, para voltar a crescer novamente, restabelecendo níveis superiores ao período pré revolucionário (tabela 3). A dependência de bens de capital importados para o investimento também decresceu até 1982, voltando novamente a crescer. Estes dados refletem a mudança na política de inversões da reconstrução e ampliação do que havia sido destruído para a criação de novos projetos com alta sofisticação tecnológica (ver Barros, 1987 e Arguello et. al., 1987).

As dificuldades na produção e a pressão das demandas internas fizeram com que o déficit em conta corrente se acentuasse muito depois da Revolução (tabela 3). Até então não se tem conseguido controlar este déficit. O acúmulo de dívida externa por consequência desse déficit tem sido muito grande. O pagamento de juros e amortizações tem crescido a sua participação no PIB, agravando cada vez mais o problema (ver tabela 3).

A participação das exportações de produtos industriais no total tem se reduzido (ver tabela 3). Aparentemente a Nicarágua tem se especializado ainda mais na produção de matérias primas para o exterior. Isto se deveu em grande parte à crise do Mercado Comum Centroamericano (MCCA), para onde se dirigia a maior parte das exportações de manufaturas nicaragüenses (ver Brudenius, 1987 e Barros, 1987).

Como já dito acima, em 1983 se iniciou um período de inversões que teve como base grandes projetos com tecnologias sofisticadas. Estes projetos se concentram em agroindústrias que têm como fonte de matérias primas os produtos primários produzidos na Nicarágua. Parte da produção se destinará a exportações. A grande maioria dos novos projetos ainda não começaram a operar, porém nos próximos dois anos (1988 e 1989) vários projetos vão maturar. Espera-se que com o funcionamento deles se reduza o déficit comercial e a dependência de insumos externos e aumente o produto interno, as exportações de produtos industriais e, conseqüentemente, a diversificação das exportações.

Para avaliar se o modelo de economia mista está dirigindo o desenvolvimento do País para a satisfação das necessidades básicas da população não podemos

10 Para uma breve discussão dos riscos envolvidos na participação acentuada de um partner nas relações externas ver Conroy (1987, p. 171-174).

olhar só para o que foi feito em termos de distribuição de renda e consumo básico. Temos também que avaliar o nível da produção e de canalização do excedente econômico potencial para a produção de bens de consumo para toda a população. A tabela 1 mostra índices de consumo básico e não básico e de indicadores de saúde e educação. Como se vê, logo após a Revolução houve uma melhora grande do padrão de vida da população pobre. Após 1983, com a acentuação da guerra, o início das grandes inversões, a mudança na política de reforma agrária e o aumento dos desbalances externos, o padrão de vida da população começa a deteriorar, inclusive da população mais pobre.¹¹

A deterioração do padrão de vida da população tem três causas básicas: 1) Gastos com a defesa, que tem drenado um grande volume de recursos sociais, especialmente nos últimos anos (ver tabela 1); 2) Política de inversões governamentais, que tem dedicado grande parte dos recursos disponíveis para consumo futuro; 3) Queda da produção, que tem reduzido os recursos disponíveis. Os gastos com a guerra são considerados prioritários para a sobrevivência da Revolução. Não há proposta de redução deles por nenhuma força política que defenda a Revolução, porém, há propostas de utilização desses recursos, dentro dos limites do possível, sem prejudicar a defesa, para ajudar a produção doméstica.¹² As inversões governamentais em grandes projetos já têm diminuído. A partir de 1985 houve uma conscientização do sacrifício que as inversões têm imposto e tem-se tentado diminuí-las dentro do possível. A queda na produção tem sido combatida com maior incentivo aos produtos privados.

Por causa da tentativa de não desestimular os capitalistas privados, impondo mais impostos a eles, e da necessidade de se incorrer em altos gastos governamentais, o governo tem tido grandes déficits. A redução de empréstimos estrangeiros à Nicarágua nos últimos anos (ver Barros, 1987) fez com que esse déficit tivesse que ser financiado internamente em maior escala. A inexistência de um mercado de capitais eficiente fez com que o governo recorresse a emissões inorgânicas de dinheiro como forma de financiar o seu excesso de gastos. Assim, o sacrifício imposto aos trabalhadores para defender a Revolução e suportar a queda da produção e as inversões governamentais foi desproporcional. Os capitalistas privados tiveram melhores condições de se proteger através de aumentos dos preços de seus produtos, possível pela situação de excesso de demanda monetária criada na economia. Para aumentar a desproporcionalidade do sacrifício, o governo optou por redução dos gastos com assistência social como forma de reduzir o seu déficit. É sabido que a população mais pobre utiliza a assistência social em maior escala, já que grande parte dos serviços prestados por esta também são disponíveis no setor privado.

Aparentemente o principal fator de redução na produção controlada pela burguesia foi o crescimento de suas incertezas quanto ao futuro. A contra-revolução cresceu a partir de 1983. O empenho dos EUA em desestabilizar o governo sandinista também se acentuou. A política de reforma agrária mudou, com aumento da ênfase nas cooperativas e mais confiscações de terras. Tudo isso levou a uma redução nos investimentos privados, principalmente do grande capital (ver IHCA, 1987a).

11 Para uma análise mais detalhada da influência desses fatores na queda do PIB e no consumo popular, ver Barros (1987)

12 Um exemplo clássico é a utilização dos caminhões de guerra quando estão ociosos para o transporte de mercadorias dentro do país.

Os incentivos dados ao capital privado, tais como maior flexibilidade do comércio externo, taxas de juros altamente negativas, incentivos em dólares aos exportadores e redução dos salários reais não foram suficientes para reverter a tendência recessivista que prevalecia neste setor. Só o pequeno e médio capital reagiram. O primeiro não pelas expectativas quanto ao futuro, que não eram boas, dada a projeção de recessão que se delineava a partir de 1983, mas pelo desincentivo ao assalariamento, opção de sobrevivência dos pequenos empresários.

Parte do excedente social produzido foi sacrificado para que a produção aumentasse, porém, a experiência mostrou que a falta de controle dos meios de produção podem fazer com que esses incentivos possam não dar resultados. Uma estagnação paulatina do grande capital alojado em setores importantes talvez trouxesse melhores resultados econômicos. Porém, esta atitude poderia ter levado à perda da hegemonia política da FSLN e aumentado o excedente dissipado com a defesa.

A redução do salário diminuiu a oferta de mão de obra para os setores produtivos mais eficientes e levou a uma grande dispersão de capital humano. Hoje em dia, há profissionais de nível superior ou técnicos especializados que se dedicam ao pequeno comércio, como forma de sobrevivência mais rentável do que o assalariamento. Assim uma das formas de incentivar a produção, não sacrificando a rentabilidade do capital para financiar a guerra, teve como consequência o inverso do que se pretendia.

Pelo o que foi dito acima é óbvio que houve uma concentração de renda nos últimos anos na Nicarágua (depois de 1985). Esta concentração de renda pode ter um efeito negativo para os objetivos econômicos da Revolução não só pela contradição que ela por si apresenta com esses objetivos, mas também por causa das consequências que ela pode ter no direcionamento das inversões privadas. A oferta de produtos tende a se ajustar ao perfil da demanda em sociedades em que a iniciativa privada existe. Há porém dois fatores contrários a essa má alocação do excedente social, dentro da perspectiva dos ideais revolucionários: a forte participação do governo nos investimentos totais e o reduzido nível dos investimentos privados, como já mencionado acima.

Os investimentos governamentais têm se dirigido basicamente para agroindústria e agricultura, visando aumentar a produção exportável e de bens de consumo básico. Com a ênfase nas exportações visa-se garantir a reprodução do setor de bens de capital, necessário para o crescimento do País. Os investimentos nos setores produtores de bens de consumo básico deverão garantir a melhoria do bem estar da população. O controle que o governo tem dos salários, do comércio exterior e do financiamento da produção doméstica, junto com a influência que detém na circulação doméstica, poderá adequar a distribuição de renda ao perfil da produção. Assim, os desvios conjunturais dos objetivos da Revolução poderão ser revertidos, quando a economia estiver em condições de fornecer um melhor nível de vida para a população.

5. CONCLUSÃO

Vimos que o PIB ascendeu nos primeiros anos de Revolução, porém, logo em seguida começou a cair. Entre as causas dessa queda se encontram algumas contradições do próprio modelo de economia mista. Para se compreender algumas

dessas contradições é necessário se compreender o comportamento da burguesia nicaragüense diante da Revolução. Há três comportamentos clássicos, que têm sido usados para classificá-la em três facções distintas: a "burguesia patriótica", a "burguesia vende pátria" e uma terceira facção que chamaremos de "burguesia recessa" (ver Gorostiaga, 1986).

A primeira delas reagiu positivamente ao projeto de economia mista e tem colaborado com o governo. Ela tem expandido seus negócios e tem recebido muito apoio do governo nas políticas governamentais, tais como alocação de divisas estrangeiras, concessão de empréstimos através do Sistema Financeiro Nacional (S-FN), etc. A segunda delas, tem desinvestido quando possível, repatria o seu capital e até mesmo boicota os planos econômicos e a produção quando há oportunidade. Muitos desses empresários participam de propagandas ideológicas contra o governo e chegam inclusive a colaborar com a contra-revolução. Eles se organizam em torno do Consejo Superior de la Empresa Privada (COSEP). A terceira facção da burguesia não tem arriscado reinvestir seus lucros por receio dos acontecimentos futuros. Não tem tido nenhum dinamismo na produção, apesar de não a sabotarem nem usar de artimanhas para expatriar o seu capital. Os pequenos e médios produtores privados em regra têm se enquadrado na primeira categoria, ou seja, são empresários patrióticos. Eles têm sido os principais dinamizadores do setor privado na Nicarágua, tanto nos setores urbanos como nos rurais. As multinacionais operando no País também se dividem nas três facções acima mencionadas (ver Austin e Ickis, 1986).

Como uma grande parte da economia nicaragüense ainda permanece em mãos do setor privado (ver tabela 2), o governo tem tentado favorecer bastante os empresários privados, especialmente após o acirramento da crise. Há uma política de crédito fácil e com taxas de juros reais negativas. Estabeleceu-se políticas que transferem dólares ao setor privado para que possa comprar mercadorias importadas em lojas especiais. A política de comercialização externa transfere recursos para eles. Chegou-se até a perdoar dívidas do setor privado agrícola quando acidentes naturais levaram a uma quebra da produção em 1982 (ver Barros, 1987). Em contrapartida a essas vantagens especiais ao setor privado tem-se exigido um sacrifício muito grande dos trabalhadores assalariados. Os salários reais de 1986 eram apenas 17,63% dos de 1979.¹³

Os rendimentos da burguesia caíram, especialmente nos primeiros anos da Revolução, devido basicamente ao crescimento da participação do governo na economia. Porém, o agravamento da situação econômica e a tentativa do governo de incentivar o setor privado têm feito com que o ônus da crise e o custo da defesa tenham caído mais sobre os trabalhadores, especialmente a partir de 1985. Em vez de financiar os gastos do governo com a defesa e os projetos de investimento através de impostos, o governo optou por emissões. Isto fez com que a inflação disparasse em um ambiente econômico no qual não havia proteção aos setores de renda fixa. A burguesia tem condições de proteger sua renda melhor do que os trabalhadores, assim sendo os últimos pagam o ônus dos déficits governamentais. Apesar da Revolução ter como suporte político hegemônico os trabalhadores e camponeses, os custos da guerra e da crise econômica que assolam o País têm recaído desproporcionalmente nesses setores, principalmente nos trabalhadores (ver Vilas, 1986).

13 Calculado com base em dados oficiais do Banco Central de Nicaragua. Para maiores detalhes, ver Barros (1987)

Apesar de todo os estímulos do governo, o setor privado não tem investido muito (IHCA, 1987a e Weeks, 1987). Quase toda a inversão no País nos últimos anos tem sido feita pelo governo. A burguesia “vende pátria” e a “receosa” são maiores em tamanho (em volume de capital) do que a burguesia “patriótica”. O fato de a burguesia não ter o poder político e por tal não ter segurança quanto ao seu futuro tem predominado sobre os incentivos do governo. Com o avançar da crise econômica em que se encontra o país, o investimento do setor privado se reduz cada vez mais. Assim, a manutenção da burguesia com o intuito de aumentar a eficiência produtiva tem se justificado cada vez menos. A cada dia diminui a produtividade de cada unidade de excedente econômico sacrificada no consumo da burguesia.

A manutenção de um modelo econômico que comporta a existência da propriedade privada, a política salarial que tem imposto sacrifício às massas trabalhadoras e o pouco dinamismo do setor capitalista têm levado a uma grande expansão do setor informal e pequena produção em geral. Esta expansão está perpetuando a base econômica que forneceu as raízes de uma ideologia hegemônica que fosse compatível com a manutenção da propriedade privada dentro da Revolução nicaraguense. Este fato pode por em risco o futuro popular da Revolução por causa do perigo de canalização do **espírito de livre empresa das massas** pelos partidos que representam os interesses da burguesia.

REFERÊNCIAS

- ARGUELLO, A., CROES, E., e KLEITERP, N., **Nicaragua: Acumulación y Transformación**, 1979 - 1985. mimeo. Managua: Secretaria de Planificación y Presupuesto, 1987.
- AUSTIN, J. e ICKIS, J., “Managing after the Revolutionaries have won” **Harvard Business Review**, (May - June): 103-109, 1986.
- BARROS, A., **Nicaragua: Oito Anos de Revolução Popular**. Mimeo. University of Illinois at Urbana Champaign, 1987.
- BAUMEISTER, E. e CUADRA, O., “La Conformación de una Economía Mixta: Estructura de Clases y Política Estatal en la Transición Nicaraguense” em J. Coraggio e C. Deere (eds.) **La Transición Difícil: La Autodeterminación de Los Pequeños Países Perifericos**. Mexico: Siglo Veinteuno Editores, 1986.
- BRUDENIUS, C., “Industrial Development Strategies in Revolutionary Nicaragua” em R. Spalding, ed., **The Political Economy of Revolutionary Nicaragua**. Boston: Allen & Unwin, 1987.
- BUJARIN, N., **The Politics and Economics of the Transition Period**, Londres: Routledge, 1979.
- CEPAL, **Anuario Estadístico de América Latina**, 1981. Washington: United Nations, 1983.
- CHRISTIAN, S., **Nicaragua: Revolution in the Family**. New York: Vintage Books, 1986.
- COLBURN, F., **Post-Revolutionary Nicaragua**. Berkeley: University of California Press, 1986.

- CONROY, M. "Patterns of Changing External Trade in Revolutionary Nicaragua: Voluntary and Involuntary Trade Diversification" em R. Spalding (ed.) **The Political Economy of Revolutionary Nicaragua**. Boston: Allen & Unwin, 1987.
- FITZGERALD, E., "The Problem of Balance in the Peripheral Socialist Economy: A. Conceptual Note" **World Development**, 13(1):5-14, 1985.
- , "Apuntes para el Analisis de la Pequeña Economía Subdesarrollada en Transición" em J. Coraggio e C. Deere (eds.) **La Transición Difícil: La Autodeterminación de los Pequeños Países Perifericos**. Mexico: Siglo Veinteuno Editores, 1986.
- , "Economía Mixta y Transición" **Cuadernos de Sociología**, 3 (janeiro - abril): 21-26, 1987.
- GALLARDO, A., "La Productividad Debe Valorarse Integralmente" **Boletín Socio-Económico**, 2 (Abril): 4-9, 1987.
- GOROSTIAGA, X., "Economía Mixta y Revolución Sandinista" em Fundación Friedrich Ebert Stiftung e CINASE (eds.) **La Economía Mixta en Nicaragua. Proyecto o Realidad**. Manágua: GINASE, 1986.
- GRAMSCI, A. **Concepção Dialética da História**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- IHCA (Instituto Histórico Centroamericano), "Empresa Privada Nicaraguense" **Envío**, 70 (Abril): 27-36, 1987a.
- , "Más Cerca de la Paz" **Envío**, 73 (Julho): 17-45, 1987b.
- INEC (Instituto Nacional de Estadísticas y Censos), **Nicaragua en Cifras**, Manágua: INEC, vários anos.
- , **Anuario Estadístico de Nicaragua**, Manágua: INEC, vários anos.
- LOPES, F., La Economía Mixta en el Proceso de Transición, Artigo apresentado no VI Congresso da ANICS (Asociación Nicaraguense de Científicos Sociales), Manágua: 1986.
- MEDAL, L. "La Economía Mixta en Nicaragua" en Fundación Friedrich Ebert Stiftung e CINASE (eds.) **La Economía Mixta en Nicaragua. Proyecto o Realidad**. Manágua: CINASE, 1986.
- MORAMETZ, D., "Economic Lessons from Some Small Socialist Developing Countries" **World Development**, 8 (5-6):337 - 369, 1980.
- SPP (Secretaria de Planificación y Presupuesto), **Plan Económico 1987**, Manágua: INNIES, 1987.
- TIRADO, V. "Nuestro Socialismo" **Revista Nicaraguense de Ciencias Sociales**, 1 (Setembro): 27 - 30, 1986a.
- , **Nicaragua: Una Democracia en el Tercer Mundo**. Manágua: Vanguardia, 1986b.
- TORRES, A. e J. Coraggio, **Transición y Crisis en Nicaragua**. San José: DEI, 1987.
- VANDERLAAN, M. **Revolution and Foreign Policy in Nicaragua**. Boulder, USA: Westview Press, 1986.
- VILAS, C. "La Economía Mixta y la Transición desde el Subdesarrollo" em Fundación Friedrich Ebert Stiftung e CINASE (eds.) **La Economía Mixta en Nicaragua. Proyecto o Realidad**. Manágua: CINASE, 1986.
- WEEKS, J., "The Mixed Economy in Nicaragua: The Economic Battlefield" em R. Spalding (ed.) **The Political Economy of Revolutionary Nicaragua**. Boston: Allen & Unwin, 1987.

WIELD, D., "Mozambique – Late Colonialism and Early Problems of Transition"
em G. White, R. Murray e C. White (eds.) **Revolutionary Socialist Development in the Third World**, Lexington: The University Press of Kentucky, 1983.

Tabela I

| Ano | PIB real ^a | gastos com defesa ^b | Índices de consumo | | indicadores sociais | |
|------|-----------------------|--------------------------------|--------------------|------------|---------------------|-----------------------|
| | | | básico | não básico | saúde ^c | educação ^c |
| 1979 | - | - | - | - | 491.371 | 152.654 |
| 1980 | 20789.8 | - | 100.0 | 100.0 | n.d. | n.d. |
| 1981 | 21914.3 | 8.0 | 103.0 | 58.3 | 962.352 | 942.251 |
| 1982 | 21735.4 | 9.0 | 97.9 | 37.7 | 889.271 | 907.681 |
| 1983 | 22738.1 | 12.0 | 88.4 | 42.0 | 900.947 | 1055.663 |
| 1984 | 22382.0 | 16.0 | 88.3 | 41.5 | 973.859 | 919.751 |
| 1985 | 21468.4 | 21.0 | 82.5 | 36.2 | n.d. | n.d. |
| 1986 | 21376.9 | 25.0 | 87.9 | 46.6 | 540.768 | 429.459 |

Fontes: PIB: Banco Central de Nicaragua (dados não publicados)

Gastos com defesa: Timossi et. al. 1987.

Índices de consumo: Timossi et. al. 1987.

Indicadores sociais: Ministerio de Finanzas, Dirección General

de Presupuestos, **Presupuestos de la Republica**, vários anos.

a/ Em milhões de córdobas de 1980.

b/ Como percentual do PIB

c/ Gastos governamentais programados para o setor. Valores em milhões de córdobas de 1980.

Tabela 2
Distribuição do PIB (total e por setor) por área de propriedade

| setor/ano | 1980 | | 1981 | | 1982 | | 1983 | | 1984 | | 1985 | |
|------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| | APP | AP | APP | AP | APP | AP | APP | AP | APP | AP | APP | AP |
| Total | 36.2 | 63.8 | 37.1 | 62.9 | 44.2 | 55.8 | 41.2 | 58.8 | 42.7 | 57.3 | 40.0 | 30.0 |
| primário | 16.7 | 83.3 | 20.3 | 79.7 | 22.2 | 77.8 | 22.0 | 78.0 | 24.4 | 75.6 | - | - |
| secundário | 38.7 | 61.3 | 39.4 | 60.6 | 42.3 | 57.7 | 43.8 | 56.2 | 43.4 | 56.6 | - | - |
| comércio | 30.0 | 70.0 | 30.0 | 70.0 | 45.7 | 64.3 | 32.0 | 68.0 | 32.0 | 68.0 | - | - |

Fonte: 1980 - 1984: Extraído de Ruccio (1987, p. 65). Calculado originalmente com base em dados não publicados do CIERA (Centro de Investigaciones y estudios de la Reforma Agraria)

1985: Extraído de Gorostiaga (1986, p.54). Fonte original não mencionada.

APP (Area Propriedad del Pueblo) é o setor estatal.

AP (Area Privada) é o setor privado.

APP é o setor privado pequeno e médio.

APG é o setor privado grande.

Tabela 3

| Ano | A | B | C | D | E | F | G | H | I |
|------|-------|-------|-------|--------|--------|------|------|-------|-------|
| 1977 | 11.18 | 8.62 | 74.14 | 5.09 | - | 59.6 | 38.8 | 66.02 | - |
| 1978 | 9.21 | 7.82 | 59.85 | -7.31 | - | 55.8 | 42.4 | 67.62 | - |
| 1979 | 8.62 | 4.31 | 54.58 | -13.89 | 1347.6 | 55.4 | 43.2 | 83.77 | - |
| 1980 | 12.30 | 13.00 | 73.25 | 19.05 | 1570.7 | 47.8 | 43.3 | 58.95 | 5.56 |
| 1981 | 10.79 | 9.71 | 66.21 | 12.84 | 2163.2 | 60.0 | 34.8 | 48.08 | 6.50 |
| 1982 | 10.37 | 5.19 | 48.05 | 4.35 | 2578.4 | 58.2 | 37.9 | 45.25 | 6.13 |
| 1983 | 10.05 | 8.79 | 48.29 | 7.14 | 3788.1 | 67.3 | 32.1 | 61.57 | 3.70 |
| 1984 | 7.48 | 9.47 | 47.93 | 12.05 | 4436.5 | 72.9 | 27.1 | 62.10 | 2.61 |
| 1985 | 7.56 | 11.72 | 47.04 | 15.22 | 5116.9 | 79.4 | 20.6 | 62.57 | 13.25 |
| 1986 | 7.49 | 12.70 | 47.10 | 19.93 | 5687.2 | 70.5 | 29.5 | 62.67 | 19.34 |

A = Participação das importações de bens de consumo no consumo total (em %)

B = Dependência da produção agrícola de matérias primas importadas (em %)

C = Dependência da produção industrial de matérias primas importadas (em %)

D = Déficit na balança comercial dividido pelo PIB (em %, o sinal negativo significa que houve um superávit na balança comercial)

E = Dívida externa de médio e longo prazo (em milhões de dólares)

F = Participação da agropecuária nas exportações totais (em %)

G = Participação da indústria nas exportações totais (em %)

H = Participação das importações de bens de capital nos investimentos fixos totais, exclusive a construção civil (em %)

I = Pagamento de juros e amortizações da dívida externa dividido pelo PIB total (em %).

Fontes: A: 1977-1978, calculado com base em dados da Cepal (1983) e INEC (**Anuario Estadístico de Nicaragua**, 1979).

1979-1986, calculado com base em dados de INEC (**Nicaragua en Cifras**) e Banco Central de Nicaragua (dados não publicados).

B e C: mesmo que A.

D: 1977-1978, calculado com base em dados da Cepal (1983).

1979, calculado com base em INEC (**Nicaragua en Cifras**).

1980-1986, calculado com base em dados não publicados do Banco Central de Nicaragua.

E: 1979-1985, extraído de Timossi et. al. (1987).

1986, extraído de SPP (1987).

F e G: INEC (**Anuario Estadístico de Nicaragua**, vários anos).

H: Mesmo que A.

I: Calculado com base em dados de INEC (**Nicaragua en Cifras**) e Banco Central de Nicaragua (Dados não publicados).

